

A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA HUMANA EM *HAMLET* DE WILLIAM SHAKESPEARE

THE REPRESENTATION OF THE HUMAN NATURE IN *HAMLET* BY WILLIAM SHAKESPEAR

Valdomiro Polidório ¹

RESUMO: Este artigo abordará características da natureza humana presentes na tragédia *Hamlet* de William Shakespeare. Shakespeare foi um profundo conhecedor da natureza humana, e podemos notar isso em obras como *Hamlet*. A representação do homem em toda a sua essência é muito bem trabalhada na tragédia *Hamlet*. *Hamlet* é um homem que cai por seu erro de filosofar demais e conseqüentemente demorar para vingar a morte do pai. A traição, o assassinato, o ódio, a vingança e o amor são características que compõem a natureza do ser humano. Essas características são abordadas com muita autoridade por Shakespeare em *Hamlet*. Isso prova com ele conhecia o homem e o despiu daquele idealizado para deixá-lo mais próximo do mundo, e conseqüentemente a merce das forças mundanas.

PALAVRAS-CHAVES: natureza, humana, representação, tragédia, *Hamlet*.

ABSTRACT: This article will approach the characteristics of human nature which we can find in *Hamlet* by William Shakespeare. Shakespeare was a man who knew a lot about human nature, and we can realize this in tragedies like *Hamlet*. Man's representation in all his essence is very well worked in *Hamlet*. *Hamlet* is a man who falls because his mistake of philosophizing a lot and therefore wait too much to revenge his father's death. The treason, the murder, hate, the revenge and love are characteristics that make human nature. These characteristics are approached with authority by Shakespeare in *Hamlet*. This proves how he knew the man and wrote about him to make this man looks like a real human being who is at the mercy of the worldly forces.

KEY WORDS: nature, human, representation, tragedy, *Hamlet*.

Introdução

Hamlet é considerada a principal, ou a mais importante tragédia de William Shakespeare. Com essa afirmação não queremos de forma alguma menosprezar toda rica produção de Shakespeare, porém quando pensamos

¹ Valdomiro Polidório, Prof. Ms. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – polidorio@hotmail.com

em um enredo que parece simples, mas que no decorrer da tragédia torna-se cada vez mais complexo, percebemos toda a genialidade do bardo:

Obra produzida mais ou menos na metade da vida criativa de Shakespeare, *Hamlet* é um divisor de águas na forma como o dramaturgo via a si mesmo e suas habilidades. Tudo o que já havia escrito parece, de repente, uma preparação para esse momento, à medida que ele voa mais alto e atinge horizontes mais amplos para mostrar todos os prismas de sua arte perfeita, encantando a platéia com arroubos de imaginação e sabedoria analítica cujos mistérios jamais serão completamente desvendados. (HOLDEN, 2003, p. 173)

A representação de características da vida que está presente em *Hamlet* é inegável. Ler *Hamlet* é ter contato com aspectos de nossas vidas, aspectos que nos fazem questionar e tentar entender situações que acontecem ou aconteceram durante a nossa trajetória. Para WOOLF (1987) anotar as impressões que temos de *Hamlet* à medida que o lemos, ano após ano, seria praticamente registrar nossa autobiografia, pois, quanto mais sabemos de sua vida, mais Shakespeare faz comentários sobre o que sabemos.

Pensar que *Hamlet* é uma tragédia de vingança, parece torná-la simples, contudo ao percebermos que ela é a peça mais longa de Shakespeare e que, a questão da vingança aparece logo no início, temos contato com toda a habilidade do bardo para preencher o espaço entre a necessidade da vingança e o ato da vingança. O filosofar do personagem *Hamlet* é construído de uma forma genial. É justamente o filosofar de *Hamlet* que dá toda a sustentação ao enredo da peça, a qual poderia ser simplesmente mais uma tragédia de vingança:

[...] Shakespeare iria escrever a mais ambiciosa tragédia de vingança, tirando vantagem do eterno problema da estrutura do enredo: o assassinato catalisador acontece no primeiro ato, e o assassinato de vingança precisa estar no último, então o que fazer nos três atos intermediários? Ele decidiu manter a forma e criar um vingador filosófico, que passa esses três atos assolado por dúvidas morais e temores mortais. (HOLDEN, 2003, p. 173)

Ao analisarmos as tragédias de William Shakespeare, temos que considerar todos os aspectos relevantes na construção dos personagens. Como se trata do gênero drama, as falas das personagens nos fornecem todo o material de análise que necessitamos. Ao analisar um texto em prosa sofremos a influência do narrador, porém quando analisamos uma tragédia shakespeareana, não temos um narrador, e sim as falas, as quais são muito ricas:

Quando analisamos as tragédias de Shakespeare, também observamos a transformação sucessiva de toda a realidade - que age sobre suas personagens - em contexto semântico dos atos, pensamentos e vivências dessas personagens: ou verificamos diretamente as palavras (palavras das feiticeiras, do fantasma do pai, etc.) ou acontecimentos e circunstâncias, traduzidos para a linguagem do discurso potencial que interpreta. (BAKHTIN, 2003, p. 404)

Shakespeare tornou-se eterno através de sua obra, e *Hamlet* tem uma parcela muito grande nessa cânonização. Isso somente é possível porque as obras de Shakespeare estão carregadas de atemporalidade, polissemia e verossimilhança. A verossimilhança caracteriza-se pelos aspectos referentes à natureza humana presentes em sua obra. Não podemos “trancar” Shakespeare em seu tempo, pois ele pertence a todos os tempos: “Como já dissemos, uma obra da literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no *grande tempo*. (BAKHTIN, 2003, p. 364)

William Shakespeare e a tragédia

O que é tragédia no gênero drama na literatura? Sabemos que a o vocábulo tragédia na vida real refere-se à catástrofes, como por exemplo, a queda de um avião e a conseqüente morte de centenas de pessoas:

[...] a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2001, p. 08).

A tragédia consegue abordar de uma maneira muito profunda questões do bem e do mal. Nós percebermos isso através dos atos dos personagens que, ao longo da peça vão sendo construídos:

Com efeito, a união de um reconhecimento e de uma peripécia excitará compaixão ou terror; ora, precisamente nos capazes de os excitarem consiste a imitação que é objeto da tragédia. Além do que, infortúnio e felicidade resultam dos atos. (ARISTÓTELES, 2001, p.18).

Em *Hamlet* há compaixão e terror. Há compaixão quando nos deparamos com o sofrimento de *Hamlet* e há terror quando *Cláudio* planeja a morte de *Hamlet*. Compaixão e terror são características inerentes à natureza humana.

Shakespeare preocupava-se em colocar o homem no palco. Para ele o ser humano é quem importava, é a partir desse ser humano que ele elaborava grandes obras de arte do teatro, e conseqüentemente da literatura universal. Shakespeare era popular, e isso também se deve ao fato dele procurar apresentar o ser humano como ele era/é. Percebemos o quanto Shakespeare era popular quando vemos que ele enriqueceu e ficou famoso com o teatro. O poder da linguagem em Shakespeare é fora do comum, pois ele parecia preocupar-se com uma ficção que representasse bem uma realidade, mas uma realidade atemporal:

Os tesouros dos sentidos, introduzidos por Shakespeare em sua obra, foram criados e reunidos por séculos e até milênios: estavam na linguagem, e não só na linguagem literária como também em camadas da linguagem popular que antes de Shakespeare ainda não haviam penetrado na literatura, nos diversos gêneros de formas de comunicação verbalizada, nas formas da poderosa cultura popular (predominantemente nas

formas carnavalescas) que formaram ao longo de milênios, nos gêneros do espetáculo teatral (dos mistérios, farsas, etc.), nos enredos que remontam com suas raízes à Antiguidade e pré-histórica e, por último, nas formas de pensamento. Shakespeare, como qualquer artista, não construía suas obras a partir de elementos mortos nem de tijolos mas de formas já saturadas, já plenas de sentido. (BAKHTIN, 2003, p. 363)

Essas “formas saturadas” e “plenas de sentido” são inerentes à natureza humana, devido a isso BAKHTIN (2003) diz que elas não estão mortas.

O teatro shakespeariano inovou toda uma cultura dramática, pois agora o homem estava no centro do palco. Shakespeare explorou conflitos do homem e não de deuses:

[...] no teatro elisabetano - mormente sob a força inventiva de um Shakespeare - o público se deixa seduzir por personagens e histórias que poderiam ser as da vida cotidiana. O teatro, no período que desejamos focalizar, é trazido de regiões quase celestiais, para a representação da vida em sua crua realidade. (MORAIS, 2005, p. 19)

As tragédias shakespearianas representam aspectos da vida:

Shakespeare ao escrever tragédias representa de uma certa maneira um certo aspecto da vida, e que através do exame de seus escritos nós devemos ser capazes de, até uma certa altura, descrever esse aspecto e maneira em termos dirigidos a compreensão. Tal descrição, até onde é verdadeira e adequada, pode, após essas explicações ser chamada de um relato da substância da tragédia Shakespeareana, ou um relato da concepção de tragédia de Shakespeare ou visão do fato trágico. (BRADELY, 1905, p. 06).

As diferenças entre o teatro grego e o teatro shakespeariano é clara. Shakespeare inovou o teatro. Ele preocupava-se em abordar questões inerentes ao ser humano. Para isso esse saiu da Inglaterra. Percebemos que a

riqueza de suas obras também relaciona-se a busca de novos horizontes no que se refere ao espaço. O que não acontecia no teatro grego:

O cerne que permite entender a inovação shakesperiana deixa-se ver no teatro entendido como instituição pedagógica. Avanço no tema, mas pouco que já abuso no espaço destas páginas. Como era vista tal pedagogia na tragédia grega e nos mistérios medievais? Através daquilo que deve ser entendido pela presença do conceito de universal concreto. Ou seja: era um teatro que se ocupava dos deuses e das deusas, de reis e de heróis, do Cristo e da Virgem, dos santos e novamente de reis e heróis. (BORNHEIM, 1998, p. xiv)

O espaço se refere a geografia, e Shakespeare foi mestre em “viajar” para outros lugares para desenvolver suas peças. Um dos exemplos dessas “viagens” de Shakespeare é *Hamlet*. E *Hamlet* representa um herói diferente daquele que conhecíamos no teatro. *Hamlet* é diferente porque ele tem falhas em seu caráter. Ele não é totalmente herói porque comete crimes contra a ordem natural da vida. O assassinato não intencional de *Polônio* é uma ação que vai contra o ordem natural da vida. Se *Cláudio* estivesse no lugar de *Polônio*, não seria uma falha matá-lo, pois a ordem natural seria reestabelecida, concretizando-se assim o ato da vingança:

O que Shakespeare faz é mudar o conteúdo próprio de tal universal concreto. Ou seja: ele o despe de seu caráter religioso, tanto enquanto temática particular como também enquanto embasamento último do sentido do teatro, e dá-lhe um novo conteúdo. Parece-me que o universal concreto se esgota agora em duas categorias, o tempo e o espaço, ou melhor, na história e na geografia. Pois nosso bardo viaja, ele é o primeiro grande viajador da história do teatro. Ou melhor ele faz o seu teatro viajar. Basta alguma escassa lembrança para entender o que afirmo: ele vai à Dinamarca, e lá desenterra *Hamlet*, o quase-herói; é com esse personagem que tem início a lenta e inexorável crise da figura do herói no teatro moderno. (BORNHEIM, 1998, p. xiv)

Na tragédia *Hamlet* a concentração se dá justamente no herói, o que é uma das características da tragédia shakespeariana. A tragédia de um herói,

que por seu filosofar sobre a vida e a morte, a vingança ou não, nos fornece um exemplo do ser humano cheio de dúvidas:

Inicialmente para começar de fora, tal tragédia traz diante de nós um número considerável de pessoas (muito mais do que as pessoas das tragédias gregas), a menos que os membros do Coro sejam computados entre eles; porém é eminentemente um enredo de uma pessoa, o herói[...] (BRADLEY,1905, p. 07)

Outra característica da tragédia shakespeariana é a alta linhagem de seus personagens: “A tragédia de Shakespeare relaciona-se sempre a pessoas de alta posição; freqüentemente a reis ou príncipes;...” (BRADLEY, 1905, p. 09).

A suposta loucura de *Hamlet* é importante para toda a tragédia, pois é ela que mantém o curso normal da tragédia shakespeariana. Para BRADLEY (1905) se *Hamlet* em qualquer parte da tragédia estivesse realmente louco, ele não seria mais um personagem trágico. BRADLEY (1905) ainda diz que uma tragédia é uma estória de excepcional calamidade, e que conduz um homem de alta linhagem a morte. É uma estória de ações humanas que produz excepcional calamidade e termina na morte de tal homem.

Shakespeare profundo conhecedor do Homem

Quando abordamos questões referentes a natureza humana, sabemos que o autor também é membro da raça humana e, conseqüentemente, possui uma natureza humana. Em relação a peça *Hamlet* o autor diz que “Shakespeare parece escrever a partir de sua própria experiência com relações familiares, e a idealização que o herói faz de uma normalidade passada gera uma enorme intensidade emocional” (HONAN, 2001, p. 347). Para entendermos Shakespeare e sua obra devemos considerar que ele, apesar de sua genialidade, era uma pessoa como todos nós. Ele vivia nesse mundo, apesar de senti-lo de uma maneira mais profunda daquela que nós sentimos:

Longe de criar temas a partir do nada, Shakespeare elaborava tensões; respondia a lembranças marcantes, a pressões intensas, contantes ou penosas até à mais pura amargura - o que equivale dizer que era como o resto de nós, dadas as esperanças, os arrependimentos e os desesperos que invadem todas as psiques. (HONAN, 2001, p. 349)

As personagens shakespearianas tem a capacidade falar com seu interior. O interior de *Hamlet* é essencial para a peça. Os solilóquios de *Hamlet* nos mostram o seu interior. A trajetória de *Hamlet* dentro da peça mostra a evolução do personagem a partir do seu falar interior. Alguns personagens parecem ter vida própria, independente da escrita do bardo, ou seja, eles parecem agir de uma maneira independente. Shakespeare, em alguns momentos, pode ser confundido com *Hamlet* e vice-versa:

Em Shakespeare, os personagens não se revelam, mas se desenvolvem, e o fazem porque têm a capacidade de se auto-recriarem. Às vezes, isso ocorre porque, involuntariamente, escutam a própria voz, falando consigo mesmos ou com terceiros. Para tais personagens, escutar a si mesmos constitui o nobre caminho da individuação, e nenhum outro autor, antes ou depois de Shakespeare, realizou o verdadeiro milagre de criar vozes, a um só tempo, tão distintas e tão internamente coerentes, para seus personagens principais, que somam mais de cem, e para centenas de personagens secundários, extremamente individualizados. (BLOOM, 2000, p. 19)

Em Shakespeare podemos observar que ele é sempre atual, ou seja, podemos perceber como ele, através de suas obras atemporais como por exemplo *Hamlet*, não ficou preso a seu tempo, mas ousou romper, transcender a sua época: "O que impressiona em Shakespeare está precisamente em uma certa radicalidade em saber dizer coisas novas, em expressar a aurora dos tempos modernos." (BORNHEIM, 1998, p. x).

O conhecimento da natureza humana de Shakespeare impressiona. Ele aborda os conflitos do ser humano que sempre existiram, como ódio, amor, usurpação do poder, traição, vingança, o belo, o feio, a tirania, a angústica, a

melancolia, a ambição, etc. Todas essas características compõem a nossa natureza. Resumindo Shakespeare explora o bem e o mal que existem em todo os seres humanos: "...Shakespeare tudo sabe - ele sabe o homem,..." (BORNHEIM, 1998, p. xi)

Percebemos que em suas tragédias, Shakespeare apresenta o homem como ele realmente é, como um ser que também pertence ao mundo: "...o homem passa a considerar-se um ser simplesmente mundano, esforçando-se por estabelecer-se de vez nesta Terra." (BORNHEIM, 1998, p. xv)

A nossa atualidade continua sendo a mesma de Shakespeare porque a nossa natureza humana/essência é a mesma da época de Shakespeare:

O que melhor define Shakespeare está exatamente no fato de que ele tem nas mãos o seu tempo enquanto atualidade claramente assumida - quem fez isso antes dele? Se nós ainda o ouvimos é porque a nossa atualidade continua sendo a mesma, em que pese todas as metamorfoses. (BORNHEIM, 1998, p. xv)

A simplicidade do cotidiano, da vida rotineira, das coisas consideradas triviais, simples, não passavam despercebidas por Shakespeare, pois ele as considerava material de maior valor para a elaboração de suas obras:

Com Shakespeare o caso é totalmente diverso. Seus pés estão sempre bem plantados nesta "boa estrutura, a terra", seus olhos sempre focados na vida cotidiana ao redor, e nada lhe escapa de um vôo de um pássaro, do desenvolvimento de uma flor, das tarefas de uma dona de casa, ou das emoções escritas no rosto humano." (SPURGEON, 2006, p. 14)

Shakespeare era um profundo observador da vida e de tudo que a envolve. Todo o grande escritor é um ótimo observador, porém Shakespeare ultrapassa o nível de bom observador por conhecer muito bem o homem:

...Shakespeare era um observador, intensamente interessado em coisas e eventos concretos do dia-a-dia, especialmente na vida ao ar livre no campo e na rotina doméstica da casa, e que seus sentidos eram anormalmente aguçados e reativos;... (SPURGEON, 2006, p. 14)

Ele era mestre em representar a vida através de sua obra. Ele escrevia suas peças para serem representadas e não para serem lidas como textos literários. Não devemos desconsiderar que seu objetivo era ganhar dinheiro e ficar famoso. Foi exatamente isso que aconteceu, Shakespeare enriqueceu e ficou famoso. Mesmo escrevendo para o público do século XVII, suas peças tornaram-se universais e atemporais. A razão que faz com que *Hamlet* seja lida, estudada e analisada até os dias atuais, é o fato de que esta obra apresenta características da natureza humana, como amor, ódio, traição, ciúme, inveja, usurpação do poder, guerras, assassinatos. A natureza humana não muda, pois desde os primórdios, os seres humanos carregam dentro de si o bem e o mal. Em alguns aflora o bem, em outros o mal, e nos chamados seres humanos normais, existe o equilíbrio, mas nunca a perfeição. SARTRE (1987) não acreditava na existência de uma natureza humana, já que para ele a existência precedia a essência do homem. Por outro lado, Kant acreditava que havia uma natureza humana, com a essência precedendo a existência. Nós defendemos a existência de uma natureza humana:

[...] fundamentalmente todos os indivíduos são semelhantes em sua essência... existem certas características na natureza humana que se podem encontrar em todas as crianças e em todas as pessoas de qualquer idade, há considerações abrangentes a respeito do desenvolvimento da personalidade humana... que são aplicáveis a todos os seres humanos, independentemente de sexo, raça, cor de pele, credo ou posição social (WINNICOTT, 1994, p. 97).

Quando analisamos as tragédias de Shakespeare, percebemos que ele era um profundo conhecedor da natureza humana: Hamlet - ...conhecer bem um homem, seria conhecer-se a si mesmo. (SHAKESPEARE, 1981, p. 315)

Mesmo assim, ele questiona esse “homem” da natureza que ele, como todos nós fazemos parte. Na fala seguinte ele começa destacando aspectos positivos do homem, contudo sua desilusão em relação ao ser humano fica evidente no final da mesma com o questionamento. Esse questionamento tem um eco bíblico, pois *Hamlet* fala da parte mais pura do pó, o homem:

“Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e em pó te hás de tornar.” (GÊNESIS, 3:19). Desilusão que provavelmente acometeu Shakespeare na época da escrita de *Hamlet*:

Hamlet - Que obra-prima é o homem! Como é nobre pela razão! Como é infinito pela faculdade! Em forma de movimentos, como é expressivo e maravilhoso! Nas ações, como se parece com um anjo! Na inteligência, como se parece com um deus! A maravilha do mundo! Protótipo dos animais! E, mesmo assim, que significa para mim essa quintessência do pó? (SHAKESPEARE, 1981, p. 240).

Quando lemos as obras de Shakespeare parece que estamos sendo investigados enquanto seres humanos. Quando analisamos essa fala de *Hamlet* podemos dizer que Shakespeare se preocupava com o conhecimento sobre o ser humano. O conhecimento e os questionamentos sobre a natureza humana são importantes para um bom dramaturgo quando no ato da elaboração de uma tragédia. Para que a tragédia obtenha sucesso é necessário que os espectadores/leitores vejam a si mesmos nas falas das personagens. Isso acontece quando lemos uma tragédia como *Hamlet*.

É possível afirmar que William Shakespeare foi um grande filósofo, pois os questionamentos sobre a vida e a morte, o matar ou não matar por vingança em *Hamlet*, nos prova o poder filosófico da peça: “Shakespeare é para a literatura mundial o que é *Hamlet* para o domínio imaginário da personagem literária: um espírito que tudo impregna, que não pode ser confinado” (BLOOM, 2001, p. 58). A impossibilidade de se confinar *Hamlet* deve-se justamente ao seu poder filosófico.

Tratar Shakespeare como nosso contemporâneo, é entender como ele nos escrutina através de suas obras. Ele criava suas personagens a partir do próprio homem.

A loucura também faz parte da natureza humana. Até onde somos totalmente normais de acordo com os padrões sociais? Essa é uma pergunta complexa, pois grandes nomes da história em várias áreas foram considerados loucos em suas épocas porque não foram compreendidos:

Ah! Então estais certo de ser mal compreendido. Será ruim assim ser mal compreendido? Pitágoras foi mal compreendido, como Sócrates e Jesus e Lutero e Galileu e Newton e todo espírito puro e sábio que jamais tomou forma humana. Ser grande é ser mal compreendido. (EMERSON, 1841, pp. 44-45).

Essa “loucura” é muito bem abordada em *Hamlet* e leva-nos a refletir sobre o que é, e o que não é sanidade. E *Hamlet* procura, além de fingir loucura, explicar a razão pela qual ficou louco. Para isso ele primeiro culpa *Ofélia* por sua “loucura”: Hamlet - Vai-te, estou farto disso; foi por causa disso que fiquei louco! (SHAKESPEARE, 1981, p. 255).

Nas quatro grandes tragédias de William Shakespeare, a saber, *Hamlet*, *Macbeth*, *Othello* e *Rei Lear*, há poesia. A poesia explora toda a emoção que aflora do íntimo do poeta e também compõe a natureza do ser humano. Segundo BRADLEY (1905) a poesia das quatro tragédias, como a beleza de estilo, o cantar/expressão das palavras e a versificação podem passar despercebido. Abordaremos aqui a tragédia *Hamlet*. Nesta passagem percebemos a poesia existente na peça:

Hamlet - Oh, se esta sólida, completamente sólida carne, pudesse ser derretida, ser evaporada e dissolvida num orvalho! Por que o Eterno fixou suas leis contro o suicídio? Ó Deus! Ó Deus! Como me parecem abjetos, antiquados, vãos e inúteis todos os usos deste mundo” opróbrio para o mundo! Ah! Abjeção” É um jardim que não foi limpo, onde tudo cresce à vontade; produtos de natureza grosseira e amarga unicamente o ocupam! (SHAKESPEARE, 1981, pp. 210-11).

Outro trecho que vem carregado de poesia, e poderíamos dizer poesia romântica, é o momento em que *Cláudio* instiga *Laertes* contra *Hamlet*:

Rei - A rainha, mãe de Hamlet, quase que vive pelos olhos dele e, quanto a mim (seja por virtude ou por desgraça minha), está de tal modo ligada à minha vida e à minha alma que, do mesmo modo que uma estrela só pode mover-se dentro da própria órbita, nada posso fazer que não seja através dela. (SHAKESPEARE, 1981, pp. 210-11).

Percebemos aqui que a maneira como o *Cláudio* descreve o amor de *Gertrudes* por seu filho *Hamlet*, e o seu próprio amor por *Gertrudes*, está carregada de poesia romântica.

Considerações finais

A temática abordada neste artigo nos conduziu a um Shakespeare que é conhecedor profundo da natureza humana. Talvez nenhum outro escritor foi conhecedor do homem como o grande bardo inglês. Ao nos depararmos com um *Hamlet* que busca incessantemente explicações para questões da vida, percebemos que isso pode ser associado a nossas próprias vidas. O filosofar de *Hamlet* é um filosofar inteligente e muito bem elaborado por Shakespeare. Características que formam a natureza humana emergem a todo o momento durante a tragédia. Essas características são: vingança, dor, ódio, traição e amor. Ao perder seu pai *Hamlet* sofre profundamente, pois ele faz parte da raça humana, que quando ama verdadeiramente, sofre também verdadeiramente. O sofrimento de *Hamlet* com a morte de seu pai nos afeta, nós sentimos toda a sua dor e toda a sua angústia. A sua angústia nos angustia, a vontade de vingar-se é também a nossa vontade, a revolta com *Cláudio*, e até com *Gertrudes*, nos deixa revoltados. *Hamlet* está vivo falando conosco e não somente com ele mesmo, ou com os outros personagens. Nós nos vemos em *Hamlet* e parece que ele também nos vê. A viagem que *Hamlet* faz até os lugares mais profundos da razão e da insanidade nos influencia em nossos sentimentos e reações. O “ser ou não ser” tão repetido durante nossas vidas quando estamos em dúvida sobre qual caminho seguir. A dúvida que foi abordada por tantos outros escritores, como por exemplo Robert Frost e seu poema mundialmente conhecido *The Road not Taken*. A essência de *Hamlet* faz parte da essência do ser humano. A essência que precede a existência e que faz com que sentimentos que existiam desde os primórdios da humanidade continuem existindo até hoje, pois a natureza humana não passa. A natureza humana sempre existirá antes mesmo do

homem existir. Quando *Hamlet* sofre, fica angustiado, irado, quer vingança, isso tudo já foi sentido por seres humanos. Sentimentos que sempre existirão e que William Shakespeare explorou muito bem em obras como *Hamlet*. Pensar no personagem *Hamlet*, é pensar no homem que existe a partir de uma natureza humana imperfeita, e por isso comete erros. Neste artigo tentamos mostrar como William Shakespeare nos conhecia muito bem e como ele nos “explorou” em sua grande obra *Hamlet*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **A arte poética.**
file:///C:/site/livros_gratis/arte_poetica.htm (45 of 53) [3/9/2001 15:05:20] 2001. Consultada em 06/10/2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** [Tradução de Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA.** [Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo centro bíblico católico.]. 125ª edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999.
- BLOOM, H. **Shakespeare: a invenção do humano.** [Tradução de José Robert O’ Shea]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- _____. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.** [Tradução Marco Santarrita]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BORNHEIM. G. Prefácio. In **HELIODORA. B. Falando de Shakespeare.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- BRADLEY, A. C. **Shakespearean Tragedy: Lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth.** 2nd ed. London: Macmillan, 1905.
- HOLDEN, Anthony. **William Shakespeare.** [Tradução de Beatriz Horta]. São Paulo: Ediouro, 2003
- HONAN, P. **Shakespeare: uma vida.** [Tradução Sonia Moreira.] São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR71808-6060,00.html>, 2005. Consultada em 03/10/2008.

MORAIS, Flávia D. Costa. **Um estudo sobre as representações visuais da peça Hamlet de William Shakespeare**. Falla dos Pinhaes, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.2, n.2, jan./dez. 2005

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método**; [Tradução de Rita Correia Guedes]. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza**. [Traduções de F Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes.] São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SPURGEON, C. **A imagística de Shakespeare**. [Tradução de Barbara Heliodora] São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, C.; Shepherd, R. & Davis, M. **Explorações Psicanalíticas** [Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre]. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

WOOLF, Virginia. **Charlotte Brontë**. In **the essays of Virginia Woolf**. Vol. 2: 1912-1918. ed. Andrew McNeille. Londres, 1987. In **uma história da leitura**. [Tradução de Pedro Maia Soares]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.